

# A EXPECTATIVA DO DISCENTE AO INGRESSAR NOS CURSOS AGRÍCOLAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL E SUAS PERSPECTIVAS APÓS A CONCLUSÃO

João Pereira da Silva Filho -IFPE\*  
Velda Maria Amilton Martins -IFPE\*\*  
Suemy Yukizaki -UFRRJ\*\*\*

Eixo 5: Trabalho-educação e a formação dos trabalhadores (educação profissional, tecnologias da educação, trabalho como princípio educativo)

**Resumo:** O objetivo deste artigo é desenvolver uma breve reflexão sobre as expectativas dos alunos quando se candidatam ao processo de seleção dos cursos técnicos integrados oferecidos pelo *Campus* Vitória de Santo Antão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco e suas perspectivas após a conclusão dos cursos, considerando os resultados de uma pesquisa com os concluintes dos cursos de agropecuária e agroindústria.

**Palavras-chave:** Educação Profissional; Formação dos estudantes; Perspectivas

## ABSTRACT

The aim of this article is to develop a brief reflection on students' expectations when they apply to the selection process of the technical courses offered by the Federal Institute of Education, Science and Technology of Pernambuco at the Campus of Vitória de Santo Antão and their perspectives after they finish the courses, considering the results of a research with the students that graduated from the agricultural and agro-industry courses.

**Key words:** Professional Education; Students' formation; Perspectives.

---

\*Professor do *Campus* Vitória de Santo Antão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco. Mestre em Educação Agrícola pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. [joão.eaf@ig.com.br](mailto:joão.eaf@ig.com.br)

\*\*Professora e Diretora Geral do *Campus* Vitória de Santo Antão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco. Mestre em Educação Agrícola pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. [veldamaria@hotmail.com](mailto:veldamaria@hotmail.com)

\*\*\*Professora Associada do Instituto de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. [suemy@openlink.com.br](mailto:suemy@openlink.com.br)

## 1. Introdução

Nos últimos anos têm sido intensas as discussões sobre o papel e a finalidade da educação profissional no Brasil. Para aprofundar o debate, estudiosos e pesquisadores têm travado verdadeiros duelos conceituais para definir a missão dessa modalidade de ensino, opinando se essa deve apenas preparar o jovem para um imediato ingresso no mercado de trabalho ou oferecer-lhe uma formação integral provendo conteúdos curriculares de natureza científica, tecnológica e humanística.

No final da década de 60, quando o Ministério da Educação assumiu a responsabilidade de estabelecer e conduzir as políticas para a educação profissional no Brasil, essa preocupação já se evidenciava em diversas literaturas e até em documentos oficiais, como no Manual do Sistema Escola-Fazenda, produzido pelo Ministério da Educação e Cultura através da Fundação CENAfor, destinado ao ensino profissional agrícola:

Fazendo uma análise consciente, verificaremos que o ensino agrícola atual está pendente mais para o lado acadêmico do que para o técnico propriamente dito: serve mais como escada para a universidade. Com isso, os alunos que têm condições financeiras galgam os degraus das mesmas, em detrimento dos menos favorecidos economicamente, pois estes não irão para as universidades e tampouco exercerão a agricultura. Estão ainda incapazes para isto, pois o ensino agrícola, preparando-os para a universidade com um sistema de há muito superado, deixou de prepará-los efetivamente para a agricultura. (CENAFOR, s/p, s/d)

Particularmente no ensino agrícola, historicamente essa preocupação se evidenciava de forma mais clara uma vez que essa modalidade de ensino profissional tinha um objetivo mais imediatista, ou seja, os setores produtivos da área primária esperavam um retorno mais rápido do técnico formado para que ele pudesse interferir de forma positiva no incremento da produção, nas transformações sociais e na inclusão ou ressocialização de jovens e adolescentes que tivessem praticado algum ato delinquente ou estivessem em situação de risco. Nessa época havia uma nítida divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, sempre com uma maior valorização deste em detrimento daquele. Sobre isso Ciavatta (2005) comenta que:

Sua organicidade social está em reservar a educação geral para as elites dirigentes e destinar a preparação para o trabalho para os órfãos, os desamparados. Esse dualismo toma um caráter estrutural especialmente a partir da década de 40, quando a educação nacional foi organizada por leis orgânicas, segmentando a educação de acordo com os setores produtivos e as profissões, e separando os que deveriam ter o ensino secundário e a formação propedêutica para a universidade e os que deveriam ter a formação profissional para a produção. (CIAVATTA, 2005, p. 87)

Hoje a situação é um pouco diferente. O ensino profissional passou a ter outros objetivos. O mundo passou por profundas transformações e os setores produtivos se deparam com novas demandas. Já não é exigido que um técnico apenas saiba apertar um parafuso, tirar leite de uma vaca, ou coisa parecida. O técnico a ser formado pelas escolas de educação profissional e tecnológica precisa atender a exigências cada vez maiores, com competências que vão muito além de um trabalho meramente manual. É exigido que esse aluno tenha uma formação técnica ou tecnológica integrada a uma formação científica e humanística para que possa não apenas fazer, mas também ser e sentir. Aliás, essa opinião está presente claramente em alguns documentos do Ministério da Educação, como naquele que trata das Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica: proposta em discussão (2004):

Somente a formação profissional e tecnológica não é suficiente, pois o próprio capital moderno reconhece que os trabalhadores necessitam ter acesso à cultura sob todas as formas e, portanto, à educação básica. Desta maneira, a escola tende progressivamente a se transformar, propiciando a aquisição de: princípios científicos gerais que impactam sobre o processo produtivo; habilidades instrumentais básicas que incluem formas diferenciadas de linguagens próprias, envolvendo diversas atividades sociais e produtivas; categorias de análise que facilitam a compreensão histórico-crítica da sociedade, das formas de atuação do ser humano, como cidadão e trabalhador; capacidade instrumental de exercitar o pensar, o estudar, o criar e o dirigir, estabelecendo os devidos controles. (BRASIL, 2004, p. 8)

Durante sua fase de formação nem sempre os próprios alunos são consultados sobre quais seus reais interesses quando ingressam em um curso técnico ou tecnológico: uma preparação profissional apenas, uma preparação para ingressar em uma universidade ou as duas coisas ao mesmo tempo para que possam optar por qual caminho seguir. Sobre essa questão, o próprio MEC (2004) recomenda uma preparação mais integral:

Hoje exige-se, pois, a formação de caráter técnico-científico e sócio-histórico; a articulação entre os sistemas de ensino, as agências formadoras e o mundo do trabalho; o reconhecimento do saber que o trabalhador adquire no exercício da profissão, estabelecendo mecanismos para sua aceitação na escola e no trabalho, oferecendo-lhe, assim, condições de continuidade dos estudos. (BRASIL, 2004, p. 9)

Em razão do exposto, foi realizada uma pesquisa com alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - *Campus* Vitória de Santo Antão, para saber quais são suas expectativas quando ingressaram no curso de formação técnica e suas pretensões no momento de sua conclusão. Pretende-se, com este trabalho, contribuir para o aperfeiçoamento dos mecanismos de acesso, permanência e acompanhamento dos alunos de educação profissional, sobretudo no trabalho de orientação vocacional dos mesmos.

## **2. A metodologia da pesquisa**

A pesquisa foi realizada com 117 alunos concluintes de 2008 dos cursos técnicos integrados de Agropecuária e Agroindústria, do *Campus* Vitória de Santo Antão do Instituto Federal de Pernambuco, antiga Escola Agrotécnica Federal. A escolha desse público se deu pelo fato de os alunos já estarem na etapa final de sua formação técnica e de sua formação geral, e já terem mais claros seus objetivos quanto a que caminho seguir, acrescido do fato de já estarem em uma faixa etária que lhes permite uma tomada de decisão menos precipitada e mais independente.

Inicialmente foram analisados os resultados das entrevistas aplicadas aos 117 estudantes quando eram candidatos ao processo de seleção de novos alunos, no ano de 2006, para o *Campus* Vitória de Santo Antão. Essas entrevistas, quando aplicadas, tiveram o objetivo de captar a identificação desses candidatos com o curso para o qual estavam

concorrendo, bem como seu real interesse pela formação técnica, critérios considerados de maior peso na avaliação do processo seletivo.

Com o propósito de esclarecer, informamos que os alunos pesquisados, para serem admitidos naquela unidade de ensino, tiveram de passar por um processo de seleção constituído de três etapas: resposta a um questionário sócio-cultural e etnográfico; prova escrita de análise, interpretação e produção textual; e entrevista oral com uma equipe de psicólogos, pedagogos e orientadores educacionais, visando observar a identificação do candidato com o curso pretendido e suas reais intenções ao entrar na escola. Salientamos que as entrevistas analisadas foram apenas aquelas aplicadas aos candidatos que foram aprovados no processo seletivo de 2006 e que constituíram as quatro turmas concluintes do ano letivo de 2008.

Segundo informações fornecidas pela Comissão de Seleção do *Campus* Vitória de Santo Antão do Instituto Federal de Pernambuco, no processo de seleção adotado procura-se dar maior importância à entrevista oral e às respostas do questionário sócio-cultural, sobretudo quando o candidato afirma que seu maior objetivo é ingressar imediatamente no mercado de trabalho e atuar como técnico. Essa política de privilegiar a formação do aluno para o mercado de trabalho e evitar seu caminho para a universidade é remanescente da filosofia implantada e defendida pelos condutores das políticas de educação profissional adotadas no passado, sobretudo na década de 70, como explicitado em Castro (1995) a respeito da caracterização do alunado das escolas técnicas:

O problema número um destas escolas é a clássica identificação dos perfis dos alunos. Como resultado do grande e sério esforço para melhorar o seu nível e *status*, acabaram como excelentes escolas, inclusive na área acadêmica. Em alguns estados menos industrializados, passaram mesmo a ser escolas co-optadas pelas elites locais. O resultado não poderia ser diferente. Passaram a ser caminhos privilegiados para o vestibular [...] Ora, faz pouco sentido ensinar Máquinas e Motores a custos elevadíssimos a quem nada mais quer do que passar no vestibular de Direito. Mesmo para os que vão para Engenharia, não parece ser um bom uso dos dinheiros públicos, que ocupem uma vaga que poderia ser melhor aproveitada por alguém que vai diretamente para uma ocupação técnica. (CASTRO, 1995. *in* KUENZER, 1997. p. 59)

Após a análise das 117 entrevistas do processo de seleção de 2006 do *Campus Vitória*, foi aplicado um questionário semi-estruturado aos mesmos 117 alunos, agora concluintes. As perguntas foram formuladas visando estabelecer uma comparação entre as expectativas do aluno no momento de sua entrada na escola e suas perspectivas ao final do curso: ingressar imediatamente no mercado de trabalho, dar continuidade em seus estudos tentando ingressar em uma universidade ou fazer as duas coisas simultaneamente; além de saber que fatores influenciaram ou contribuíram para sua decisão. Uma informação complementar, que merece ser ressaltada, é que a pesquisa foi feita faltando apenas um mês para o término do curso. Portanto, os sujeitos pesquisados já tinham claras suas reais intenções.

### **3. Resultados e discussão**

#### **3.1 As expectativas dos jovens concorrentes às vagas de um curso técnico**

Com uma pergunta aberta, foi indagado aos candidatos do processo de seleção quais seriam suas expectativas quanto ao curso que escolheram. As expectativas foram classificadas em categorias extraídas das respostas obtidas e descritas na Tabela 1-A.

Observa-se, pelos resultados, que houve um equilíbrio nas respostas que apontam as expectativas dos entrevistados de obterem um ensino de qualidade tanto na formação geral quanto na formação técnica. Saliente-se que o desejo por uma formação para o alcance do sucesso na área profissional também aparece com certo destaque.

Também com uma pergunta aberta, foi indagado aos candidatos o que eles esperavam encontrar na escola para a qual estavam concorrendo. Os dados constantes na Tabela 2-A mostram mais uma vez que os entrevistados demonstraram uma preocupação com a obtenção de um ensino de qualidade. Esse resultado revela o contrário do que muito se tem falado cotidianamente que os jovens de hoje não têm interesse pelos estudos.

Com uma pergunta fechada, foi indagado aos candidatos na seleção qual o motivo principal que os levou a procurar a escola. Os dados da Tabela 3-A mostram que a maioria dos entrevistados (52,13%) respondeu que foi o nível de ensino por ela ofertado. Também um percentual considerável (35,04%) apontou a possibilidade de acesso a um curso técnico como sendo o principal motivo. Isso revela que os jovens têm um pensamento claro quanto a seus objetivos futuros. Esse posicionamento dos candidatos foi coerente com a resposta

dada pelos alunos no término do curso, quando perguntados qual havia sido seu maior interesse quando entrou na escola, conforme explicitado mais adiante.

Outra análise relevante que podemos fazer é quanto às respostas dadas pelos candidatos à pergunta sobre a razão pela qual eles escolheram um curso técnico. Observamos, pelos dados da Tabela 4-A, que o maior percentual de respostas positivas foi dado pelo interesse na área do curso escolhido (44,44%), e por uma necessidade de profissionalização (13,67%). Além disso, 18,80% responderam que a escolha se deu pelo fato de o curso escolhido ter ligação com o curso universitário que pretendiam fazer e por oferecer uma boa base para o vestibular. Observa-se que essa última opinião se contradiz com a resposta majoritária.

As respostas dadas à pergunta sobre o que os candidatos pretendiam fazer após a conclusão do curso técnico no qual pretendiam ingressar também possibilitaram a confirmação de uma questão bastante polêmica foram. De acordo com o constante na Tabela 5-A, as respostas foram que 43,58% pretendiam fazer um vestibular e ingressar em uma universidade, enquanto 23,07% responderam que pretendiam ingressar imediatamente no mercado de trabalho e 11,96% pretendiam fazer as duas coisas. Essas respostas revelam que a maioria dos alunos pretende mesmo frequentar um curso de nível superior.

Por fim, de forma aberta, foi perguntado aos candidatos no processo de seleção o que eles esperavam ser na vida profissional, após a conclusão do curso. Os dados obtidos e constantes na Tabela 6-A merecem uma reflexão. E nesse particular encontramos uma coerência com as respostas dadas na entrevista feita ao final do curso, pois na entrevista da seleção 16,23%, 14,52%, 11,11% e 8,54% dos candidatos aprovados no processo seletivo responderam, respectivamente, que queriam ser bons profissionais, agrônomos, vencer e crescer na vida e serem veterinários. Percebemos pelas respostas dos candidatos uma clareza quanto ao que os jovens querem ser na vida profissional.

### **3.2 Perspectivas dos jovens concluintes dos cursos técnicos**

Na segunda etapa da pesquisa, realizada com os alunos concluintes de 2008 dos cursos técnicos em Agropecuária e Agroindústria (os mesmos que foram entrevistados em 2006, no processo de seleção e cujas entrevistas foram analisadas), os resultados podem ter surpreendido os condutores das políticas de ensino da Instituição campo do estudo, mas não causou estranheza aos pesquisadores uma vez que essa postura dos jovens de hoje já é

conhecida. A pesquisa só veio confirmar uma hipótese. Seguem os resultados da pesquisa realizada.

Inicialmente foi perguntado aos pesquisados, considerando suas expectativas, o que eles achavam sobre o curso que estavam concluindo. Conforme os dados na Tabela 1-B, constatamos que 60,39% afirmaram que o curso em conclusão correspondeu parcialmente suas expectativas, enquanto 37,62% declararam que correspondeu totalmente, e apenas 1,98% disse não ter tido sua expectativa correspondida pelo curso frequentado.

Perguntou-se também aos alunos concluintes qual era seu maior interesse quando ingressaram na escola: o ensino médio ou o ensino técnico. Pelo constante na Tabela 2-B, as respostas foram surpreendentes e contraditórias em comparação com as respostas dadas no processo de seleção. A maioria absoluta (70,29%) afirmou que seu interesse maior era pela formação técnica. Por outro lado, 29,70% desses alunos afirmaram que seu interesse maior era pelas disciplinas de formação geral. Essa resposta pode sugerir que os alunos, quando ingressaram no curso, desejavam uma formação técnica, mas foram seduzidos pelo ensino propedêutico ou tiveram algum tipo de decepção com as disciplinas técnicas.

Perguntou-se ainda aos alunos qual a área de estudo (formação geral ou formação técnica) havia mais contribuído para o alcance de seus objetivos acadêmicos. De acordo com os dados da Tabela 3-B, uma maioria significativa (63,36%) afirmou que as disciplinas de formação técnica contribuíram mais para o alcance de seus objetivos, enquanto 36,63% declararam que foram as disciplinas de formação geral que mais contribuíram. Esses resultados revelam ainda que a maioria dos jovens que procuram as escolas de formação profissional assim o fazem por interesse realmente em uma formação que possibilite sua inserção no mundo do trabalho, sugerindo um reforço à tese dos que defendem que essas escolas, prioritariamente, devem ter essa função.

Perguntado aos alunos a que conclusão chegaram após três anos de estudos, quanto ao grau de exigências e de contribuições para sua formação técnica, os dados citados na Tabela 4-B mostram as seguintes respostas: a maioria absoluta (70,29%) apontou que tanto as disciplinas de formação geral quanto as de formação técnica exigem bastante do aluno e dão muitos subsídios para sua formação profissional, científica e humanística. Nessa mesma pesquisa, a minoria dos alunos (20,79%) acha que as disciplinas de formação geral é que exigem mais e lhes dão mais subsídios para o alcance de suas pretensões.

Foi perguntado também aos alunos o que eles pretendiam fazer após concluir o curso técnico. Então, de acordo com os dados da Tabela 5-B, 47,52% deles afirmaram que

desejavam trabalhar como técnicos e continuar seus estudos em uma universidade; 22,77% disseram desejar apenas continuar os estudos fazendo um curso superior; e 13,86% desejavam ingressar de imediato no mercado de trabalho como técnicos. Comparando esses dados com as respostas dadas por esses alunos por ocasião do processo seletivo, percebemos que as expectativas iniciais não se confirmaram, ou seja, os que desejavam ingressar de imediato em uma universidade caíram de 43,58% para 22,77%; os que desejavam fazer um curso superior paralelo à atuação profissional pularam de 11,96% para 47,52%, e o percentual dos que desejavam apenas atuar como técnicos caiu de 23,07% para 13,86%. Esses dados revelam uma tendência atual de que os jovens desejam trabalhar e continuar estudando, corroborando também com a opinião majoritária dos que hoje trabalham na definição das políticas para a educação profissional do país e sendo coerente com a nova ordem econômica mundial de que o mundo do trabalho na atualidade exige profissionais cada vez mais qualificados e com uma visão mais ampla da realidade.

Perguntou-se aos alunos concluintes, nessa entrevista, qual o curso que pretendiam frequentar caso optassem por concorrer para um curso superior em uma universidade. As respostas apontaram a preferência pelos seguintes cursos: 15,84%, 12,87% e 6,93% desejavam ser, respectivamente, agrônomos, veterinários e nutricionistas. Esses resultados refletem uma clareza dos alunos quanto aos objetivos traçados e a trajetória percorrida para alcançá-los, coerentes com o que declararam na entrevista no processo de seleção.

Foi perguntado aos alunos concluintes se naquele momento eles estavam inscritos para concorrer ao vestibular de alguma universidade e em qual curso estavam inscritos. Como explicitadas na Tabela 6-B, as respostas foram as seguintes: 52,47% disseram que estavam inscritos em um vestibular, enquanto 47,52% disseram que não, demonstrando que realmente a maioria dos alunos está preocupada com uma formação profissional mais completa para se ajustar às exigências do mundo contemporâneo. Mais surpreendente ainda foi verificar que dentre os inúmeros cursos citados como pretendidos pelos alunos pesquisados, 16,98, 15,09% e 9,43% estavam concorrendo aos cursos de Agronomia, Veterinária e Nutrição, respectivamente. Esses dados revelam que os cursos técnicos que estavam concluindo tiveram influência em suas opções quanto ao curso superior, ou seja, pretendiam dar continuidade aos estudos na área de sua formação técnica.

Analisando comparativamente as expectativas dos alunos na seleção de entrada para os cursos técnicos com suas perspectivas no momento de sua saída desses cursos, observamos que eram bastante altas suas expectativas na entrada, pois adquirir

conhecimentos, melhorar e aprender novos conhecimentos, associado ao desejo de ser alguém na vida era bastante positivo para jovens numa faixa etária situada entre 14 e 16 anos. Entretanto, após os três anos de curso, essa expectativa não foi correspondida, uma vez que a maioria afirmou que o curso correspondeu parcialmente suas expectativas. Só resta saber se essa frustração se deu pela deficiência do curso ou pela alteração de suas pretensões profissionais no decorrer de seus estudos. Por outro lado, uma minoria dos pesquisados declarou que o curso não correspondeu suas expectativas, demonstrando certa frustração com o curso realizado.

Ainda no campo das expectativas, observou-se que no ingresso aos cursos a maioria dos candidatos posicionou-se pelo desejo de se beneficiar de um bom nível de ensino, de encontrar bons amigos, muito estudo e bons professores, demonstrando uma preocupação com sua formação e seu futuro. Segundo eles, essa expectativa foi correspondida ao final, pois as respostas revelaram que na Escola o nível de ensino oferecido é muito bom.

#### **4. Considerações finais**

Os resultados obtidos com a pesquisa no Campus Vitória de Santo Antão do Instituto Federal de Pernambuco, envolvendo os alunos dos cursos técnicos em Agropecuária e Agroindústria em duas etapas distintas: análise da entrevista no processo de seleção e análise das respostas do questionário aplicado na conclusão dos cursos, revelaram que os estudantes de hoje estão bastante maduros e conscientes do que querem profissionalmente, corroborando com o que enfatiza Kuenzer (1977) sobre o desejo desses jovens:

Para eles já não interessa uma escola de formação profissional que seja apenas uma incubadora de pequenos monstros avidamente instruídos para um ofício, sem ideias gerais, sem cultura geral, sem alma, senão só com um olhar infalível e mão firme; há, pois, que se construir uma escola que relacione cultura e produção. (KUENZER, 1977. p. 38)

É por este motivo que esses estudantes têm procurado cursos técnicos integrados em seu itinerário formativo, pois, de acordo com as palavras de Frigotto (2005), há uma compreensão sobre esta educação básica de nível médio:

Ela é condição para uma formação profissional que atenda aos requisitos das mudanças da base técnica da produção e de um trabalhador capaz de lutar por sua emancipação. Trata-se, pois, de superar a formação profissional como adestramento e adaptação às demandas do mercado e do capital. (GRIGOTTO *et all*, 2005, p. 15)

Para corroborar com a posição de que os estudantes têm procurado uma escola que lhes conceda uma educação que permita a eles escolherem qual caminho seguir após a conclusão do curso, Ramos (2004) declara que:

Com esse tipo de educação se gera o conhecimento, a ciência e a cultura como parte do aperfeiçoamento que a atuação sobre a natureza produz, e o trabalho se torna princípio educativo, evidenciando a relação entre ciência e produção e as implicações da divisão técnica e social do trabalho. A integração entre o ensino médio e o ensino técnico pode atuar, também, como compromisso ético-político de preparação dos jovens das classes trabalhadoras para ganhar autonomia face ao mundo do trabalho e para ter condições de prosseguir seus estudos. (RAMOS, 2004. *in* CIAVATTA, 2005. p. 101).

Ou ainda, como lembra a mesma autora ao dizer que “o objetivo não é, sobretudo, a formação de técnicos, mas de pessoas que compreendam a realidade e que possam também atuar como profissionais.” (RAMOS, 2005, p. 125)

Essa nova visão é uma superação do que foi defendido e praticado na década de 90 pelos dirigentes da educação profissional no Brasil, pois, à época, em atendimento aos princípios constantes na Lei nº 9.394/96, “havia um interesse do governo brasileiro, atendendo exigências do Banco Mundial, de que o ensino profissional deveria beneficiar exclusivamente os que vão para o mercado de trabalho sem ingressar na universidade” (KUENZER, 1997. p. 82).

Revivendo o histórico papel da educação profissional no Brasil, Kuenzer (1997) afirmava:

Por ter foco no mercado, a educação profissional, embora priorize os desempregados e excluídos, não terá sentido nem eficácia como

estratégia contencionista ou assistencialista, voltada para reter o acesso ao 3º grau ou para ajudar os pobres ou retirar os meninos da rua. (KUENZER, 1997. p. 58)

Uma questão importante que temos observado é que, se por um lado as escolas de educação profissional se preocupam com a formação do técnico preferencialmente para o mercado de trabalho, por outro ficam satisfeitas quando são avaliadas positivamente em exames nacionais ou pelo fato de seus alunos terem desempenho satisfatório em exames vestibulares, sobretudo em universidades públicas.

O importante é ter a consciência de que as escolas de formação profissional devem, sim, oferecer a seus alunos uma educação de qualidade, seja ela de formação geral ou de formação técnica, e de preferência integrada. Cabe aos alunos o poder de decidir qual o melhor caminho a seguir: ingressar de imediato no mundo do trabalho, dar continuidade a seus estudos ou fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Maturidade para essa decisão, hoje eles já têm o suficiente. E as pesquisas realizadas revelaram e comprovaram isso.

## 5. Referências Bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Profissional e Tecnológica. **Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica: proposta em discussão**. Brasília. 2004.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Ensino Médio. Fundação Cenafor. **Manual do Sistema Escola-Fazenda**. – Brasília : s/d.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Profissional e Tecnológica. **Contribuição à Construção de Políticas para o Ensino Agrícola da Rede Federal Vinculada ao MEC/SETEC : Versão para Discussão**. Brasília. 2007.
- CIAVATTA, Maria. “A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade”. **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. São Paulo : Cortez, 2005.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. “Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio”. **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. São Paulo : Cortez, 2005.
- \_\_\_\_\_, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria e RAMOS, Marise. **Educação Profissional e Desenvolvimento**. sl : sd.
- \_\_\_\_\_, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria e RAMOS, Marise. **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. São Paulo : Cortez, 2005.
- KUENZER, Acácia Zuneida. **Ensino Médio e Profissional : as políticas do Estado neoliberal**. São Paulo : Cortez, 1997.
- RAMOS, Marise. “Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado”. **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. São Paulo : Cortez, 2005.

## TABELAS – RESULTADOS DA PESQUISA

**Tabela 1-A – Expectativas dos candidatos quanto ao curso escolhido – Página 6**

<b>Expectativas</b>	<b>Nº de Respostas</b>	<b>%</b>
Adquirir conhecimentos na área da agropecuária	14	11,96%
Freqüentar um bom curso técnico	14	11,96%
Adquirir/ aprender mais conhecimentos	14	11,96%
Melhorar os conhecimentos em geral	13	11,11%
Ter um bom desempenho profissional	10	8,54%
Ser alguém na vida	06	5,12%
Ter um bom aproveitamento no curso	05	4,27%
Outros motivos/ Respostas diversas	13	11,11%
<b>TOTAL</b>	<b>89</b>	<b>76,03%</b>

*Fonte: Arquivos do Processo Seletivo 2006 EAF Vitória PE.*

**Tabela 2-A – Expectativas dos candidatos quanto à escola – Página 6**

<b>Expectativas</b>	<b>Nº de Respostas</b>	<b>%</b>
Bom nível de ensino	26	22,22%
Bons amigos e muito estudo	20	17,09%
Bons professores	17	14,52%
Bons professores e amigos	10	8,54%
Pessoas legais e bons amigos	09	7,69%
Ótimas condições de estudo	06	5,12%
Um bom desenvolvimento	05	4,27%
Outros motivos/ Respostas diversas	13	11,11%
<b>TOTAL</b>	<b>106</b>	<b>90,56%</b>

*Fonte: Arquivos do Processo Seletivo 2006 EAF Vitória PE.*

**Tabela 3-A – Motivos que levaram à procura pela escola – Página 6**

<b>Motivos</b>	<b>Nº de Respostas</b>	<b>%</b>
Ter um bom nível de ensino	61	52,13%
Possibilidade de acesso a um curso técnico	41	35,04%
Por oferecer ensino gratuito	06	5,12%
Outros motivos apresentados	07	5,98%
<b>TOTAL</b>	<b>115</b>	<b>98,27%</b>

*Fonte: Arquivos do Processo Seletivo 2006 EAF Vitória PE.*

**Tabela 4-A – Razão pela escolha de um curso técnico – Página 7**

<b>Razões</b>	<b>Nº de Respostas</b>	<b>%</b>
Pelo interesse na área do curso escolhido	52	44,44%
Pela necessidade de profissionalização	16	13,67%

Por ter ligação com o curso universitário desejado	11	9,40%
Por possibilitar uma preparação para o vestibular	11	9,40%
Por influência do pai ou de um irmão	08	6,83%
Por ter necessidade de trabalhar cedo	05	4,27%
Foi uma escolha casual, não tem informação	05	4,27%
Foi uma escolha dos pais	04	3,41%
<b>TOTAL</b>	<b>112</b>	<b>95,69%</b>

*Fonte: Arquivos do Processo Seletivo 2006 EAF Vitória PE.*

**Tabela 5-A – Destino pretendido após a conclusão do curso técnico – Página 7**

<b>Destino</b>	<b>Nº de Respostas</b>	<b>%</b>
Fazer um vestibular/ Fazer uma universidade	51	43,58%
Ingressar imediatamente no mercado de trabalho	27	23,07%
Trabalhar e frequentar uma universidade	14	11,96%
Continuar estudando, fazendo outros cursos	08	6,83%
Fazer um estágio curricular e se especializar	07	5,98%
<b>TOTAL</b>	<b>107</b>	<b>91,42%</b>

*Fonte: Arquivos do Processo Seletivo 2006 EAF Vitória PE.*

**Tabela 6-A – O que os candidatos esperam ser na vida – Página 7**

<b>Respostas</b>	<b>Nº de Respostas</b>	<b>%</b>
Ser um bom profissional	19	16,23%
Ser um bom agrônomo	17	14,52%
Vencer, crescer na vida	13	11,11%
Ser um bom veterinário	10	8,54%
Ser um técnico agrícola	05	4,27%
Seguir uma carreira profissional	05	4,27%
Ser um cidadão de bem	05	4,27%
Ter seu próprio negócio/ Empreendedor	04	3,41%
Ter um emprego certo	04	3,41%
Respostas diversas, sem clareza	23	19,65%
<b>TOTAL</b>	<b>105</b>	<b>89,68%</b>

*Fonte: Arquivos do Processo Seletivo 2006 EAF Vitória PE.*

**Tabela 1-B – Opinião sobre o curso que estão concluindo – Página 7**

<b>Opinião</b>	<b>Nº de Respostas</b>	<b>%</b>
Correspondeu totalmente a expectativa	38	37,62%
Correspondeu parcialmente a expectativa	61	60,39%
Não correspondeu a expectativa	02	1,98%
<b>TOTAL</b>	<b>101</b>	<b>99,99%</b>

**Tabela 2-B – Interesse dos alunos ao ingressar na escola – Página 8**

<b>Interesse</b>	<b>Nº de Respostas</b>	<b>%</b>
No ensino médio	30	29,70%
No ensino técnico	71	70,29%
<b>TOTAL</b>	<b>101</b>	<b>99,99%</b>

**Tabela 3-B – Área que mais contribuiu para o alcance dos objetivos – Página 8**

<b>Área de formação</b>	<b>Nº de Respostas</b>	<b>%</b>
Formação geral	37	36,63%
Formação técnica	64	63,36%
<b>TOTAL</b>	<b>101</b>	<b>99,99%</b>

**Tabela 4-B – Opinião sobre que área do curso mais exigiu e contribuiu – Página 8**

<b>Opinião</b>	<b>Nº de Respostas</b>	<b>%</b>
O ensino médio exige mais e dá mais subsídios à FP	21	20,79%
O ensino técnico exige mais e dá mais subsídios à FP	07	6,93%
Os dois ensinos exigem muito e dão subsídios à FP	71	70,29%
Nenhum dos dois exige muito nem dá subsídios à FP	02	1,98%
<b>TOTAL</b>	<b>101</b>	<b>99,99%</b>

**Tabela 5-B – Caminhos a seguir pelos alunos após a conclusão do curso – Página 8**

<b>Caminhos a seguir</b>	<b>Nº de Respostas</b>	<b>%</b>
Trabalhar como técnico e ingressar em uma universidade	48	47,52%
Apenas continuar os estudos frequentando curso superior	23	22,77%
Entrar de imediato no mercado de trabalho como técnico	14	13,86%
Entrar de imediato no mercado de trabalho em outra área	10	9,90%
Desenvolver outras atividades no mundo do trabalho	06	5,94%
<b>TOTAL</b>	<b>101</b>	<b>99,99%</b>

**Tabela 6-B – Se os alunos estão inscritos em algum vestibular – Página 9**

<b>Resposta</b>	<b>Nº de Respostas</b>	<b>%</b>
Sim	53	52,47%
Não	48	47,52%
<b>TOTAL</b>	<b>101</b>	<b>99,99%</b>